

Impor travão ao movimento migratório

N. 30/6/82

◆ Geógrafos da população analisam o afluxo

Um estudo sobre migração campo-cidade está a ser realizado por geógrafos da população da Universidade «Eduardo Mondlane» e de outros organismos. A análise de outros aspectos referentes às actividades populacionais como contribuição moçambicana para uma Conferência Internacional sobre População que ocorrerá daqui a dois anos, também está a ser efectuada, disse ao «Notícias» Manuel Araújo, responsável pela cadeira de Geografia da População na UEM.

Não deixariam os estudiosos da população em Moçambique de se debruçarem sobre este assunto, enquanto se verifica uma grande migração do campo para a cidade, com mais incidência na capital.

Foi este um dos objectivos que reuniu na passada segunda-feira, 12 indivíduos da Universidade «Eduardo Mondlane» e de outros organismos, preocupados com o assunto da população, na Faculdade de Letras, para com o acordo do FNUAP (Fundo das Nações Unidas para as Actividades da População) com sede regional em Maputo, se discutir quais as tendências da distribuição especial da população, muito particularmente, um problema que afecta dentre África, Moçambique, que é o grande movimento migratório do campo para a cidade.

24 PESSOAS EM CADA CASA

Igualmente neste aspecto se abordaram, de alguma forma, exemplos de algumas medidas que têm vindo a ser tomadas para travar este movimento em certos países.

Embora em Moçambique, e muito particularmente em Maputo, não se possa ainda fornecer uma média de habitantes por cada residência, um outro exemplo poderá elucidar uma entre muitas consequências da migração campo-cidade num país africano: segundo dados do FNUAP na Nigéria, mais propriamente na capital, Lagos, vivem em média 24 pessoas em cada casa — disse Manuel Araújo.

Na mesma mesa-redonda, um outro aspecto da discussão debruçou-se sobre o actual crescimento da popu-

lação em África, e quais as perspectivas que daí se levantam mediante as tendências actuais dos índices de fertilidade, mortalidade e qual a integração dessa tendência num processo de desenvolvimento económico desses países.

Considera-se como índice de fertilidade, o número de crianças-vivas (nados-vivos) por mulher em idade fértil, que compreende o período entre os 15 e 45 anos. Igualmente a taxa de mortalidade é o número de mortos por cada 1000 habitantes por ano.

ACABAR COM AS QUEIMADAS

Um aspecto que se refere, por exemplo, a Moçambique, embora estudado a nível do continente africano, é o caso da desflorestação que em África se caracteriza através de queimadas.

No nosso caso, citou-se o exemplo das terras, sobretudo a norte da Província de Gaza e Inhambane.

De uma forma mais lata, a questão abordada refere-se à inter-relação entre população, recursos naturais, meio-ambiente e desenvolvimento — disse Manuel Araújo, responsável pela cadeira da Geografia da População da U.E.M.

— Não há uma utilização harmónica e controlada do solo, na relação entre população e recursos naturais. Como consequência, há uma deterioração da fertilidade do solo e o abaixamento imediato de produtividade da terra.

Em Moçambique, esse abaixamento de produtividade, se dá mais nas regiões semi-áridas, sobretudo,

a norte de Gaza e na Província de Inhambane em que utiliza o solo intensiva e não planificadamente, levando a problemas de erosão. Dessa forma é muito difícil a recuperação da vegetação.

PROTECÇÃO MATERNO-INFANTIL

A uma última questão, igualmente abordada, refere-se à relação entre a população e saúde, concernente a programas de protecção materno-infantil e os resultados que têm no crescimento da população, particularmente nos índices de fertilidade e mortalidade.

Segundo Manuel Araújo, este estudo elaborado em Moçambique deverá ser apresentado ao Fundo das Nações Unidas para as Actividades Económicas da População, em Nova Iorque, como um contributo para o estudo dos problemas populacionais. A proposta surgiu em função de um documento elaborado pelo FNUAP e apresentado na última sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas em 11 de Junho passado.

A apresentação referia-se à situação da população mundial em 1982 e as perspectivas da sua evolução até ao ano 2000. As questões aí levantadas serão posteriormente discutidas e analisadas na próxima Conferência Internacional sobre a População a realizar em 1984, para abranger a década seguinte.

De acordo com Manuel Araújo, a última Conferência do mesmo tipo realizou-se em 1974, em Bucareste, Roménia, donde foi elaborado o plano de acção mundial para a população e para a década 74-84, que agora está prestes a findar.